



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13605 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

FABULAÇÕES ESPACIAIS: A CRIAÇÃO DE MUNDOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Vitor Marques Almeida - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Maria Inez da Silva de Souza Carvalho - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

FABULAÇÕES ESPACIAIS: A CRIAÇÃO DE MUNDOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Resumo: Esta pesquisa se forja em um exercício de fabulações com/no campo do currículo na pesquisa em educação em geografia. Propõe-se compreender como, em tentativas de entregas ao contingencial e ao mundo em sua absurdidade, a fabulação de lugares potencializa a criação de mundos na geografia escolar, não se fechando em uma resposta, mas abrindo-se para multiplicidade dos corpos no lugar. Como cenário, aposta-se na composição de duas fabulações: uma experiência realizada com estudantes do oitavo ano de uma escola estadual, localizada no Centro Histórico de Salvador – BA e/com intercessões ficcionais do corpo-pesquisador. O texto foi tecido a partir de quatro correspondências por e-mail – onde se encontram diluídos o referencial teórico, a metodologia e os resultados – enviadas para uma outra de nós, deusa do amor. Vislumbra-se, assim, a fabulação no campo da educação em geografia como uma forma de criação, em um novo real, que fazem crer em modos de existência outros.

Palavras-chave: Geografia Escolar, Currículo, Fabulação, Lugar.

FABULAÇÕES INTRODUTÓRIAS

As linhas errantes que se seguem, demonstração parcial de uma pesquisa no âmbito do

Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, acolhida pelo Grupo FEP – Formação em Exercício de Professores, são tecidas a partir de duas fabulações: uma experiência realizada com estudantes de uma escola estadual, localizada no Centro Histórico de Salvador – BA e/com intercessões ficcionais do corpo-pesquisador.

No entanto, a demonstração apresentada aqui, não é um recorte aleatório da referida pesquisa. Eis uma composição que, numa condição formativa, interessa-se em seguir rastros de conhecimentos outros em experimentos com o pensar, para campos outros de problematização que se fizeram em inspiração filosófica das noções de fabulação em Deleuze (2018; 2013), das proposições de espaço aberto em Massey (2008) e das articulações da teoria curricular de Lopes e Macedo (2011). A partir dessas referências se partiu em digressões de que o estudo do lugar na Geografia Escolar possa se deslocar menos por promessas redentoras e se engaje mais em criações imanentes com os lugares. Mas... “qual é, então, a saída sutil?” (DELEUZE, 2018, p. 249).

Acreditar, não mais em outro mundo, mas na vinculação do homem e do mundo, no amor ou na vida, acreditar nisso como no impossível, no impensável, que, no entanto, só pode ser pensado: “um pouco de possível, senão eu sufoco”. E nessa crença que faz do impensado a potência distintiva do pensamento, por absurdo, em virtude do absurdo. (DELEUZE, 2018, p. 249).

Essa *saída sutil* encorajou os corpos desta pesquisa a apostar na potência fabulatória na Geografia Escolar que cria lugares que, como qualquer outro, são mundos. Em tentativas de entregas ao contingencial, ao mundo em sua absurdidade, buscando extrair forças capazes de potencializar a criação de sentidos outros dos lugares. Seguindo esses rastros inter-corre a pergunta: o que pode uma experiência fabulatória do lugar no cotidiano de uma Geografia Escolar? As próximas seções tentarão imiscuir essa problemática a partir de quatro correspondências por e-mail – onde se encontram diluídos o referencial teórico, a metodologia e os resultados – enviadas para uma outra de nós, deusa do amor. Inspira-se em Seemann (2013) e Santos Junior (2022) que usaram técnicas da escrita de correspondências para apresentar suas pesquisas.

Primeiro e-mail, em um dia qualquer
Para: uma.outra.de.nos@fabulação.com
Assunto: O Eterno Retorno

deusa do amor,

Já perdi as contas de quantas vezes iniciei esse e-mail. Sonhei com você de novo e não sei o que te dizer exatamente. Que saudades de tudo que não vivemos. Como estão as coisas por aí? Por aqui, calores que dão arrepio, orgasmos fingidos, e muita, muita dor de cabeça. Estou perdido em acertos os quais escolhi aleatoriamente.

No sonho você me apareceu como o demônio nietzschiano e disse: “Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo [...] tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar” (NIETZSCHE, 2012, p. 205). Mesmo que soando como uma maldição pavorosa, aquilo me pareceu uma potência para criação. Você desapareceu sem que eu pudesse dizer: “Tu és um deus[a], e nunca ouvi nada mais divino!” (ibidem).

Despertei. O pensamento do eterno retorno de tudo tomou poder sobre mim. “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” (ibidem). Não importa se isso é verdade ou não, né? Já que a vida é criação, fabularei os momentos da melhor forma que puder, de forma que eu deseje revivê-los, em seus eternos retornos.

Entre pensamentos sórdidos, cigarros e masturbações, capturei uma porção de minha pesquisa e notei, enquanto esquentava mais café, o postit que havia colocado no fogão para lembrar do convite da 41ª Reunião da ANPED para pensar no tema “Educação e Equidade: bases para Amar-zonizar e reconstruir o país”.

Parece nada a ver, mas tudo em mim combinou. E lá vou eu, compor esse trabalho interceccionando nossa ficção e minha pesquisa para compor essa fabulação e a partir dessas experimentações, intuir que no processo de construção de uma imaginação espacial aberta ao devir e conflituosa pela presença da multiplicidade (MASSEY, 2008), é importante resgatar a perspectiva de Caetano Veloso na canção “Fora da ordem”:

Eu não espero pelo dia
Em que todos
Os homens concordem
Apenas sei de diversas
Harmonias bonitas
Possíveis sem juízo final
Alguma coisa
Está fora da ordem
Fora da nova ordem
Mundial
Fora de ordem – Veloso (1991).

Acenando para o traçado de Massey sobre os sentidos globais dos lugares que em sua interpretação “o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais que se encontram e se entrelaçam [...]” (MASSEY, 2000, p. 184), onde o mundo acontece em sua dinâmica e singularidade. Cada lugar é um mundo. Sigo apostando que talvez uma linha de fuga para o desejo de mundos outros aconteça pela fabulação. Seja no estudo dos lugares, como foi nesta pesquisa no Pelourinho, seja na amar-zonização e reconstrução de brasis. E que nesse vapor barato de uma escola e um país em reconstrução possamos intervir minoritariamente para mudá-la (a ordem), forma pela qual imagino que o espaço geográfico pode ser uma peça nessa mudança, numa rede na qual não se repete o

mesmo, repete-se diferenças que inauguram devires.

Ainda hoje te mando alguns quereres e produtos da pesquisa.

Abraços geográficos.

Segundo e-mail, em um dia qualquer

Para: uma.outra.de.nos@fabulação.com

Assunto: A experiência fabulatória

deusa,

Não disse que voltaria ainda hoje?

A pesquisa que te falei foi atravessada pelas contingências da Pandemia do Covid-19, nos meses de maio e abril de 2021, onde eu, um corpo-pesquisador, com quereres de tecer fabulações no Centro Histórico de Salvador, que naquele momento tinha seus becos e ladeiras menos movimentados e as escolas sem aula, procurei uma escola estadual do bairro, para apresentar e propor um projeto a ser realizado, o qual foi aceito pela direção desde de que se cumprisse todos os cuidados e exigências do Ministério Saúde considerando o momento excepcional da pandemia.

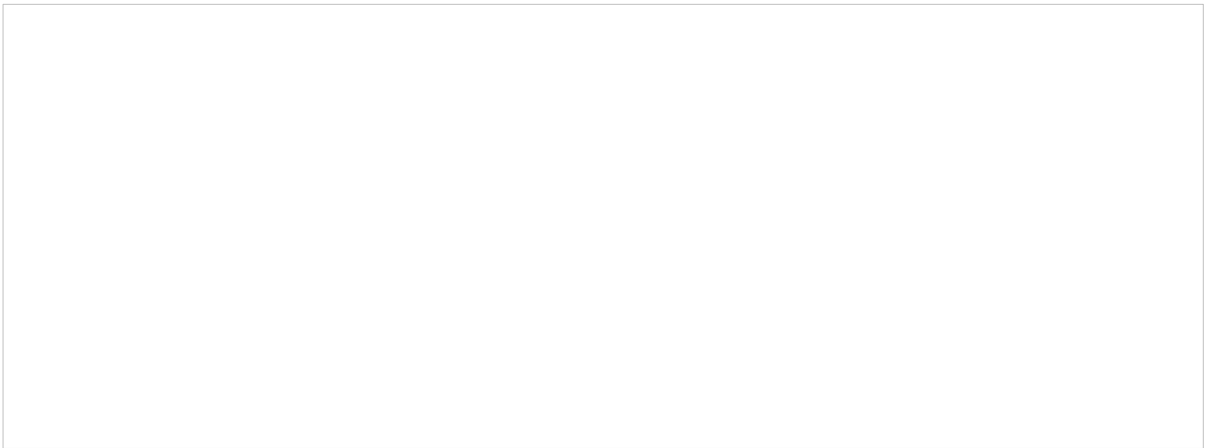
No acontecer da pesquisa, abriu-se a escola para a experiência. A direção selecionou oito estudantes do oitavo ano e os convidou para comparecer à instituição, obedecendo o distanciamento social e as medidas sanitárias. Ali, pesquisador e estudantes quebraram placas de vidros sobrepostos no mapa do Centro Histórico de Salvador. Os vidros trincaram, formando encruzilhadas a partir das rachaduras. Diante desse acontecimento, traçamos as rachaduras no mapa e percorremos esses trajetos, fotografando-os, atentos aos estímulos que pudemos sentir, como parte do processo de mapeamento do lugar, tendo o mapa como uma dimensão aberta, sempre recriado a partir das experiências espaciais e sua interação semiótica.

Com papel vegetal sobrepostos às fotografias, eles criaram fabulações escutando e narrando os afetos que percorriam seus corpos, tentando escapar da “disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce [...]” (CERTEAU, 2014, p. 163). Uma fuga com força de criação que não se restringe entre verdadeiro ou falso, mas se interessa pelo que se pode extrair dessas construções de mundos que acontecem na potência do ser, na aposta de intensificar a vida ali onde ela acontece.

Segue as fabulações.

FIGURAS: FABULAÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR





Sigo elucubrando que os cotidianos escolares são e abrem brechas para um movimento de agenciamentos com operação da fabulação para uma múltipla criação espacial. Eis os currículos e o lugar fabulados imagetivamente criando espaçotempo que disparam aprenderes, alargam processos de formação no acontecer de práticas e inauguram modos de existir outros.

Boa noite, deusa.

Terceiro e-mail, em um dia qualquer

Para: uma.outra.de.nos@fabulação.com

Assunto: fabulações do currículo e do lugar

deusa,

Hoje acordei cedinho e pensei logo em ti. Espero que o trabalho enviado no último e-mail tenha te bulido e te situado diante da minha pesquisa.

Tenho me arriscado a experimentar essa geografia menor – assim, com letras minúsculas – e aceitar Geografia Escolar tal como ela é: fábula. Uma fábula que incorpora as contingências de um caminhar na escola como construção irregular de sentidos, frente a tentativas de fixação e imposição de uma base comum. Lopes (2010) nos ajuda a pensar que a sociedade, como um todo estruturado e fixo, não exista, isso faz com que identidades fixas sejam impossíveis, pois estas não fecham a significação da política de uma vez por todas na escola. A resistência desse povo está na fabulação, criando novos mundo, dando sentido a suas vidas. Daí se faz engendrar novos espaçotempo, que escapam das tentativas de controle absoluto do currículo e do espaço. Ao fabularmos, portanto, buscamos intensificar a nossa vida ali nos lugares, sem recorrer, necessariamente, a transcendências (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

O que é preciso é pegar alguém que esteja ‘fabulando’, em ‘flagrante delito de fabular’. Então se forma, a dois ou em vários, um **discurso de minoria**. Reencontramos aqui a função da fabulação bergsoniana... Pegar as pessoas em flagrante delito de fabular é captar o movimento de constituição de um povo. Os povos não preexistem. (DELEUZE, 2013, p. 161, grifo meu).

Assim, sigo tramando essa pesquisa que é em si um delito. É um delito te amar, é um delito profanador dos canônicos e contados caracteres deste trabalho, é um delito admitir a fabulação da Geografia Escolar como potência. A fabulação se dá em ato, práticas cotidianas (CERTEAU, 2014). Eis o delito de criar sentidos e resistir criando mundos: atuar em espaçotempo reais.

Nesse fabular o lugar, entre o percorrer e narrar, as fabulações emergem implicando numa Geografia Escolar que inventa corpos a partir da cidade, e a cidade a partir dos corpos, desestabilizando ainda mais as tentativas homogeneizantes dos currículos e espacialidade. Deslocando as ideias de Gilles Deleuze (2013), considero a fabulação no campo da educação como uma forma de criação, um real que possibilita a composição de corpos outros no espaço, que fazem crer em modos de existência outros. Criação de um real minoritário, onde, em estado de devir^[1], os corpos foram afetados por alguma coisa e fizeram existir o real ficcionado, onde a potência da fabulação é potência criadora de mundos. Com isso, não quero afirmar a verdade do falso, mas a realidade falsificadora de mundos habitáveis, para além do verdadeiro ou do falso.

Quarto e-mail, em um dia qualquer

Para: uma.outra.de.nos@fabulação.com

Assunto: fabulações e produção da diferença

deusa do amor,

Essas foram as errantes linhas dessa pesquisa, segue esse e-mail com tons de conclusão. Mais um fabular, que diferente das fábulas que terminam com moral da história a se seguir, aqui, finalizo com uma linha de fuga, na aposta do seu eterno retorno no meu viver, no fervor das apropriações do espaço, nos contornos do urbanismo rachados de devir, no percorrer das ruas, entre dobras estruturais e atravessamentos de ordem menor.

Pena que você vai visualizar e não me responderá. É o que me faz não parar de te escrever. Me responde, mente para mim. Diga que não vive sem mim. Que dinheiro não traz felicidade. Mente! Diga que meus nudes são incríveis e que tamanho não é documento. Mente! Espero tuas respostas, minha deusa do amor. Até o eterno retorno, te fabulando eu existo, deusa.

Você me levou ao delírio por isso eu confesso
 Os seus beijos são ardentes
 Quando você se aproxima o meu corpo sente
 Os seus beijos são ardentes
 Quando você se aproxima o meu corpo sente
 Deusa do Amor – Olodum (1992).

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**:1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2 – A imagem-tempo**. São Paulo. Editora 34. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DEUSA do Amor. Compositores: Adailton Poesia e Valten Farias. In: A Música do Olodum. Intérprete: Olodum. [S. l.]: Continental, 1992. Faixa 4.

FORA da Ordem. Compositor: Caetano Veloso. In: Circuladô. Rio de Janeiro: Philips Records, 1991. 1 CD, faixa 01.

LOPES, Alice Casimiro. Currículo, Política, Cultura. In: SANTOS, Lucíola; DALBEN, Angela; DINIZ, Julio; LEAL, Leiva (Org.). **Convergências e Tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 23-37.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do currículo**. São Paulo, Cortez, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. -- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 312p., 2008.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SANTOS JUNIOR, Julio Bispo dos S. **Utopias, pós-utopia e o constituir-se professor**. 2022. 237f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022

SEEMANN, Jörn. Estratégias pós-fenomenológicas para cartografar uma região: narrativas, mapeamentos e performance. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 65-78, 17 nov. 2012.

[1] “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação”. DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*, p. 13.